



CAPITALISMO DE ESTADO OU SOCIALISMO DE MERCADO?

“**A** China sacode o mundo!” Eis o alerta sobre a ascensão de uma civilização com fome e que remete à preocupação de Mêncio, maior filósofo confuciano, preocupado com a segurança alimentar ainda no século III a.C. O apetite chinês por matérias-primas, trabalhadores qualificados e energia tem alterado dramaticamente o ambiente político-econômico global, e o consumo em escala estratosférica (urbanização crescente e ocidentalização de hábitos), a força do seu investimento (mirando logística e outros ativos do agronegócio brasileiro) com mais de 3 trilhões de dólares em reservas acumuladas, acabam por cadenciar o ritmo das bolsas de valores, o câmbio e, inclusive, até modular o desenvolvimento industrial de outros países, sejam seus parceiros comerciais ou não. Embora ainda considerada grande potência agropecuária, a China constituiu-se a maior economia industrial, já estabeleceu planos para liderar no campo da inteligência artificial e por meio da política climática “*Blue Skies: Green China, Beautiful Country*” tenciona deletar a imagem de uma nação outrora degradadora do meio ambiente.

Indiscutivelmente ranqueada no pódio do protagonismo internacional, a gigante asiática socialista poderia ser melhor percebida como capitalista de Estado? Primeiramente, torna-se importante salientar que o capitalismo comporta várias dimensões e experiências histórico-políticas. Além disso, o atraso no desenvolvimento de algumas nações em relação às outras, são suficientes para elaborar distintos modelos. O Estado, adotado como o critério chave da classificação, ressalta a importância fundamental das instituições, é considerado o sistema constitucional-legal e organização que o garante e, portanto, a instituição maior nas sociedades capitalistas.

Utilizando como critérios principais o tamanho do Estado e o grau de regulação existente, seja para promover o desenvolvimento econômico ou para proteger o trabalho e limitar a desigualdade econômica, visualizam-se três modelos de sociedade capitalista nos países desenvolvidos: o “modelo liberal-democrático” que caracteriza os países anglo-saxões; o “modelo social” característico dos países europeus mais desenvolvidos; e o “modelo japonês” ou “de integração social endógena”, que tem no Japão seu representante canônico.

No entanto, não faz sentido limitar a abrangência aos países ricos, por conta dos demais em desenvolvimento e de renda média que já completaram sua revolução capitalista, além dos outros empobrecidos. Entre os primeiros, já plenamente capitalistas, distingue-se o “modelo desenvolvimentista asiático” que caracteriza a China, a Índia e outros asiáticos, que com dinamismo crescem muito rapidamente, e o “modelo liberal-dependente” de países como o Brasil, o México, a África do Sul e a Turquia, cujas taxas médias de crescimento do PIB tendem a ser substancialmente menores (Luiz Carlos Bresser Pereira: Cinco Modelos de Capitalismo/2011).

No modelo liberal-democrático, a intervenção do Estado na economia é a menor possível, exercendo assim influência limitada (Estado mínimo) na proteção e garantia dos direitos sociais (saúde, educação, previdência social, etc.). A privatização dita o rumo da economia, diminuindo o número de empresas estatais e limita a regulação das companhias. Por outro lado, no modelo socialdemocrata, a intervenção do Estado é maior quando comparada à anterior, já que incide em determinadas áreas, como a industrial e a empresarial, assim como nas questões trabalhistas e

nos serviços sociais gerados para o consumo da população.

Por sua vez, no modelo japonês de capitalismo, o Estado delega a proteção social para as famílias e as empresas, caracterizando a influência da cultura japonesa que incide diretamente no funcionamento de sua economia. Por conta das tradições presentes, observa-se um “Estado de solidariedade” partilhado em seu seio, fazendo com que as obrigações sociais não sejam da competência estatal. Segundo Bresser Pereira: “(...) este modelo de capitalismo caracteriza-se por uma igualdade econômica maior do que a existente na Europa, mas, em compensação, não conta com as instituições do Estado Social”. Próximo ao Japão, localizam-se os países em desenvolvimento, dentre os quais se destaca a China com seu elevado e acelerado crescimento econômico. Nesse caso, o modelo desenvolvimentista asiático caracteriza-se pela existência informal de uma estratégia nacional de desenvolvimento – um sistema de leis, políticas públicas, acordos e entendimentos visando criar oportunidades de investimento lucrativo para os empresários –, por uma forte intervenção do Estado na economia de forma a tornar essa estratégia operativa, e por baixo nível de proteção do trabalho.

Finalmente, identifica-se o modelo liberal-dependente, característico em Estados dependentes de suas elites e que não possuem uma estratégia nacional de desenvolvimento, elementos esses que apontam, no caso, para o Brasil. Circunstancialmente, em uma primeira fase, o Estado além de funcionar como indutor do desenvolvimento econômico, é também produtor, porque se encarrega da poupança forçada e dos investimentos que exigem grandes capitais e proporcionam retorno lento, que caracteriza claramente o caráter tecno-burocrático do



Ariovaldo Zani

é médico veterinário,
professor do MBA
PECEGE/
ESALQ/USP

Gabriel Zani

é historiador,
FFLCH/USP

capitalismo. Em seguida, após a formação de um sistema empresarial poderoso, o Estado reduz seus investimentos, embora continue desempenhando papel indutor importante.

O elevado grau de desigualdade do Estado brasileiro exige em compensação, um sistema de proteção social amplo, enquanto nos países asiáticos dinâmicos, o Estado pode se manter afastado da área social. Ademais, o Brasil, cresceu extraordinariamente entre 1950 e 1980 por conta da estratégia desenvolvimentista, muito embora, pós-crise da década de 80 passou a ser classificado como país de modelo capitalista naturalmente instável, o que exige esforço redobrado para recuperação da autonomia nacional e definição da estratégia nacional de desenvolvimento.

No âmbito do comércio bilateral, das remessas do agronegócio brasileiro, 30% alcançam a China, enquanto a Europa é destino de 18% e a fatia dos Estados Unidos e Canadá outros 8%. Importante salientar inclusive que, nos últimos anos, a

DESDE 2001, A CORRENTE DE COMÉRCIO ENTRE A CHINA E A AMÉRICA LATINA JÁ CRESCERAM MAIS DE VINTE VEZES E RECENTEMENTE SUAS AUTORIDADES ANUNCIARAM O COMPROMISSO DE INTENSIFICAR A COOPERAÇÃO CULTURAL E DE DEFESA DA REGIÃO

demanda chinesa por produtos do agronegócio global cresceu três vezes mais que a dos Estados Unidos e cinco vezes mais do que a União Europeia, muito embora, esses gigantes do mundo desenvolvido sejam

seus clientes contumazes e responsáveis pelo seu robusto *superávit* comercial.

É importante salientar também que, desde 2001, a corrente de comércio entre a China e a América Latina já cresceu mais de vinte vezes e recentemente suas autoridades anunciaram o compromisso de intensificar a cooperação cultural e de defesa da região. Apesar do desdém do atual governo dos Estados Unidos com a mesma região, a crescente presença do principal concorrente econômico (político e militar) na sua vizinhança pode transformar a América Latina em palco estrategicamente relevante.

Mais cedo ou mais tarde, essa disputa se revelará vantajosa ou não para a América Latina (principalmente Brasil), e ranquear a eficácia dos diferentes modelos (americano voltado ao Mercado e chinês sustentado no Estado) na garantia da segurança alimentar e sustentabilidade ambiental, geração de emprego e renda, inclusão e igualdade social. ■

QUESTIONS TI ONE

SEU ALCANCE

Produtos, imagem, marca e vendas. São vários os elos da empresa que precisam alcançar projeção visando crescimento.

Qual sua estratégia para o desenvolvimento?

